
MITO E SIMBOLISMO*

J. C. Avelino da Silva**

Resumo: o mito é belo e seu conteúdo sagrado faz interface com a filosofia, a história e a literatura. Como construção cultural, o mito não tem autor. Ele tem independência em relação à realidade social, mas está ligado a ela. Mito, tal como a arte e o rito, é suporte da comunicação simbólica. O mito tem uma racionalidade que lhe é própria, baseada na lógica da importância. Durante muito tempo, a humanidade adotou o mito como uma maneira de pensar muito mais tempo do que a filosofia e a ciência. Mito é uma interpretação da realidade objetiva e, como tal, mito é a verdade.

Palavras-chave: Mito. Simbolismo. Lógica da importância. Verdade.

É indispensável o papel da imaginação na interpretação de símbolos¹. Sem imaginação não se vai longe, porque o simbolismo se libera da realidade objetiva. É preciso inteligência para interpretar símbolos, mas sobretudo imaginação e desapego aos valores racionais convencionais. Imagination é típico de poeta e artista. O pesquisador acadêmico deve fazer aflorar em si o seu lado poético e artístico para compreender o mito e o símbolo.

* Recebido em: 10.05.2011.

Aprovado em: 28.06.2011.

** Doutor pela Universidade de Paris. Professor no Departamento de Filosofia e Teologia e no Doutorado em Ciências da Religião da PUC Goiás. Membro da *International Association for Greek Philosophy*. E-mail: avelino3@uol.com.br

Pode-se dizer que uma situação ou um ato ou uma imagem ou um objeto é simbólico quando ele representa mais do que o seu sentido direto, carregando uma metáfora cujo significado não é imediato. O símbolo envia sempre a um conteúdo mais amplo que seu sentido evidente.

O mito é o continente de um conteúdo sagrado e inevitavelmente múltiplo: a filosofia, a história, a literatura e o belo. Vale dizer que a sustentação do mito é a verdade filosófica (alegorizada), a verdade histórica e antropológica (filtrada e recriada), a verdade psicológica (fantasiada) e o belo, este sem alegoria nem filtramento. O belo é transmitido pela própria narrativa, falada ou escrita: continente e conteúdo, no caso, se confundem.

Na hipótese de uma identificação geral de conteúdo e continente, deixaria de existir o conteúdo e o mito se tornaria simplesmente uma bela história sem nenhum significado. Se supusermos que o mito fala do nada, estaremos com um continente sem conteúdo e o mito deixaria de ser. A natureza e a vida rejeitam o vazio e afirmam a determinação. Natureza e vida legaram o atributo da rejeição do vazio ao mito. Essa é outra versão da afirmação de que não há vazio do sagrado: o ser humano sempre reverenciou, de uma forma ou de outra, o divino.

O simbolismo é transmitido pelo mito. O simbolismo é real apesar de não racional (razão cartesiana). Do fato de o simbolismo não ser racional, muita gente acha que ele não é real. Evidentemente, o simbolismo não faz parte do mundo cartesiano, que busca a representação fiel e unívoca da realidade objetiva.

A cultura não é resultado imediato da realidade social e/ou econômica. A cultura se estrutura sobre a realidade social e econômica, depois de filtradas pela própria cultura. A prática sagrada permeia a vida social, mas não se identifica com ela, caso contrário não haveria necessidade de templos, local de encontro do ser humano com a divindade.

O mito tem uma racionalidade que lhe é própria, mas não por se basear na escrita. Até certa data, a única expressão do mito era a oral e aí residia todo o seu dinamismo. O texto, ao fixar uma versão, empobrece o mito (por reduzi-lo a uma de suas inesgotáveis versões). A racionalidade do mito está em sua lógica. A lógica não formal do mito é a lógica da importância. A lógica do simbolismo tem como referência o que é “importante”, deixando de lado o que não é importante. Antigos mitos perdem espaço e novos mitos vão sendo criados, sem que se desprezem os anteriores, mas absorvendo seu simbolismo de forma criativa. Mito é uma história viva, sempre em evolução. O mito trabalha com a idéia de totalidade, sem se preocupar com a coerência. Importante para o mito é registrar o que é

importante para o ser humano e para a sociedade, tanto do ponto de vista dos valores de convívio social quanto do ponto de vista histórico, filosófico e estético, para deixar claro como as coisas são como são.

A lógica do esquecimento e da lembrança (por que um fato se transforma em mito e é imortalizado e outro é esquecido?) se estabelece em sintonia com as necessidades e os valores da sociedade. O mito é sensível às insinuações dos sentidos, e a cultura retém os fatos vividos, que são processados pela História, segundo uma lógica que lhe é própria, que não considera, por exemplo, contiguidade e sequência. A memória não agrupa os fatos de acordo com os referenciais de tempo e espaço que existem na realidade objetiva, mas de acordo com critérios de importância para a sociedade. Quando o homem se colocou o problema de explicar a realidade e construir o seu cosmo, ele fez isso como membro de uma sociedade.

Há uma arqueologia dos conceitos presentes no mito. O mito é uma propedêutica ao nascimento dos conceitos filosóficos e racionais. Mito é protoconceito. A racionalidade e a filosofia têm origem grega, porque, na península dos Bálcãs, os mitos abordaram questões relativas à realidade, com elevado potencial interpretativo. A evolução dos conceitos foi sendo elaborada ao longo da história, tendo como base a complementaridade que nasce da conjuntiva ruptura e continuidade.

Há ruptura no interior da mitologia, em que a principal, mas não a única, é a passagem da referência à deusa Mãe (deusa Mãe em seus dois momentos simbólicos: quando ela era uma abstração da fertilidade e quando se tornou antropomórfica) para a adoção dos deuses masculinos (uma pluralidade de deuses em um primeiro momento e, posteriormente, único em cada cultura, na história recente do ocidente). Há ruptura na passagem do mito à racionalidade jônica, no surgimento da filosofia platônica e na elaboração do pensamento aristotélico. Essas rupturas se realizaram em cima de uma continuidade. É imposição de uma visão cartesiana de mundo a definição do que foi mais importante: se a ruptura ou a continuidade. O que tem significado, no entanto, é a compreensão desse antagonismo complementar em que ambos (ruptura e continuidade) são importantes.

A verdade do simbolismo vai ser encontrada na espiritualidade. “O homem moderno não compreende a que ponto seu ‘racionalismo’ [...] destruiu sua faculdade de reagir aos símbolos e às idéias numinosas” (JUNG, 1990, p. 94). Segundo a lógica da percepção quotidiana habitual, marcada pelo cartesianismo, os símbolos não têm sentido lógico; isso explica por que nós temos tendência a não levá-los em consideração ou, quando queremos considerá-los, sentimo-nos desorientados. “Para o espírito científi-

co, fenômenos como idéias simbólicas são desconcertantes, porque não se pode formulá-los de uma maneira satisfatória para nosso intelecto e nossa lógica” (JUNG, 1990, p. 91). Mas aquele que é capaz de valorizar os símbolos no seu relacionamento com o real, consegue melhor compreensão da realidade.

O simbolismo é uma construção cultural, fruto de uma realidade social: a cruz tem um significado na cultura ocidental, mas não em outra parte. O simbolismo está presente nos pensamentos, nos sentimentos, nos atos, nas situações e mesmo nos objetos. Isso porque o simbolismo se coloca relativamente à cultura e à espiritualidade. O sentimento derivado do encontro com o sagrado possui características próprias para cada momento histórico e mesmo para cada sociedade. Entre os gregos, pela presença dos deuses no cotidiano da vida social, esse sentimento é um estado afetivo da alma, uma emoção, uma paixão (Zeus, Afrodite, Dioniso) ou o domínio dessa paixão (Apolo).

Mas afinal o que é o símbolo?

O que nós chamamos de símbolo é um termo, um substantivo ou uma imagem que, mesmo quando eles nos são familiares na vida quotidiana, possuem entretanto implicações que se acrescentam a sua significação convencional e evidente. O símbolo implica em alguma coisa de vago, de desconhecido ou de oculto para nós. Muitos monumentos cretenses, por exemplo, trazem o desenho de uma machadinha de duplo corte. O objeto nos é conhecido, mas nós ignoramos suas implicações simbólicas [...] Há, além disso, outros objetos, tais como a roda e a cruz, que são conhecidos no mundo inteiro, mas que têm entretanto uma função simbólica em certas condições. Justamente, a natureza exata do que eles simbolizam permanece entretanto assunto para especulações e controvérsias. Então, uma palavra ou uma imagem são simbólicas quando elas implicam em alguma coisa além de seu sentido evidente e imediato (JUNG, 1990, p. 20, tradução nossa).

Cada substantivo é um símbolo. Dinheiro, poder, universidade etc. Cada indivíduo faria uma dissertação diferente sobre o significado de cada uma dessas palavras, porque, além do sentido geral, cada um tem um entendimento próprio delas. Os números também. O que significa o “um”? E o “dois”? Os símbolos têm um significado coletivo (cultural) e um significado individual (de acordo com a maneira que cada um vive a sua cultura). Aí reside a riqueza da cultura. O que significa a cruz? Caso fizéssemos uma ex-

periência com um grupo de pessoas, pedindo que escrevessem sobre a cruz, não haveria duas dissertações iguais sobre o seu significado. Isso porque, em primeiro lugar, não se define o símbolo com precisão. A precisão tiraria do símbolo seu potencial de permitir sempre ir além do que já se foi, de ir além do racional. Com a precisão, ele deixaria de ser símbolo. Em segundo lugar, cada um tem uma visão pessoal de um símbolo. O símbolo, ao não aceitar definição, assegura liberdade a cada um de ter uma visão pessoal sobre ele.

Há algo de geral no símbolo que é passível de ser estudado. O simbolismo tem um caráter universal e um caráter particular, ele é um em cada indivíduo. O simbolismo participa da formação da individualidade: cada um simboliza a vida e o mundo por meio de um viés que é só seu.

O simbolismo é uma construção humana, é um fenômeno cultural da condição humana. O enfrentamento com a natureza, com a sociedade e com o outro é também um enfrentamento simbólico. Sendo assim, ele assume formas compatíveis com o momento e o lugar em que vive. O simbolismo é, portanto, datado e localizado. A história do simbolismo está, em primeiro lugar, na sociedade, mas só como referência primeira. O simbolismo tem vida própria e uma evolução que acompanha a cultura.

A realidade é uma construção humana. Cada época tem a sua e por isso pode-se dizer que ela vem sendo construída ao longo dos séculos, dos milênios. Olhar um rio e ver ali um deus-rio é uma maneira de explicar o que se está vendo. Não é como se explica hoje, depois do advento do mundo natural e das disciplinas afins (física, química, geografia, geologia etc.), mas foi a maneira como se explicou durante milênios. Olhar a palavra *coca-cola* e ver ali juventude, esporte e alegria é uma maneira muito comum de se ver essa realidade. O simbolismo e a mitologia participaram e participam do processo de construção da realidade e, reciprocamente, a construção da realidade constrói mitos, derruba-os e constrói outros. O simbolismo e o mito dão explicações, já que eles estão cheios de realidades.

A História da humanidade, no seu conjunto e em cada uma de suas culturas, está registrada nos mitos de forma simbólica e livre. Não é fácil estabelecer essa relação, porque o mito não se resume apenas a uma reunião de dados, embora isso seja feito, mesmo que espontaneamente. Um mito é uma correlação simbólica de fatos que, juntos, consolidam valores aos quais a sociedade vai se referir durante o prestígio daquele mito, até o ponto em que as mudanças sociais forem motivadas por experiências ainda mais complexas. A mitologia é um conjunto crescente de conhecimentos em expansão. Um mito é sólido o suficiente para ser uma das referências da cultura, que, por sua vez, vai dar validade àquele mito. Apesar de con-

servador e de procurar manter a realidade tal como ela se encontra, o mito é flexível o suficiente para deixar espaço a desenvolvimentos e ajustamentos a novas realidades. Tal mito mudará continuamente, evoluindo com a cultura. O raciocínio acima é uma paráfrase de Ronan (1988, p. 12) que trata, no entanto, da ciência. A associação se justifica, pois mito e ciência são duas maneiras de se interpretar a realidade. Nesse particular, ele diz:

Porque a ciência não se resume apenas na coleta de fatos – embora isso seja necessário; é um sistema de correlação lógica dos fatos que, juntos, consolidam uma hipótese ou o corpo de uma teoria. Essa teoria é por si mesma temperada pelas perspectivas proporcionadas pelos tempos em que é formulada. A teoria deve ser sólida o suficiente para atrair intelectos treinados no pensamento lógico e, ao mesmo tempo, bastante aberta para deixar espaço a desenvolvimentos e ajustamentos, à luz de descobertas mais recentes. Tal teoria, por vezes conhecida como um paradigma, mudará, de tempos em tempos, por inúmeras razões.

A história do mito é exterior ao mito, pois se encontra na História da sociedade. Hoje, com o auxílio da arqueologia, pode-se inserir o mito no contexto histórico em que apareceu e viveu. Com Hesíodo, a história do mito foi feita de seu interior, o que lhe permitiu afirmar, por exemplo, que Zeus pertence à terceira geração dos deuses. Mas a preocupação de Hesíodo não era fazer História, mesmo que ele tenha influenciado o surgimento desse campo do conhecimento, que foi inaugurado alguns séculos depois com Heródotos (1988) e Tucídides (1999), ambos do século V a.C.

O texto de Hesíodo reflete a tendência geral do mito: fornecer uma interpretação do que se passava na vida social, atendendo a uma necessidade daquele momento histórico. O tempo de Hesíodo era a Idade Média Grega, quando existia fome, miséria e desestruturação da vida social, situação difícil de ser entendida e assimilada depois de os gregos terem vivido o importante momento de apogeu civilizatório que foi a sociedade palaciana (cujas referências que se destacam são Cnossos e Micenas). Hesíodo, portando o cetro que lhe fora dado pelas musas e que lhe dava credibilidade, lembra uma época longínqua em que havia heróis (micênicos). Para compensar a decadência do homem, ele exalta a ascensão das gerações divinas em que Zeus ocupa o paroxismo de uma evolução. O pensamento que dominava Hesíodo não era fazer história, mas entender e explicar a realidade. O simbolismo sagrado dá significado aos acontecimentos, às coisas e às imagens.

Com a generalização do pensamento cartesiano a todos os campos do conhecimento, há quem procure a história interna do mito. Essa procura, no entanto, esbarra em obstáculos intransponíveis, já que o compromisso do mito não se estabelece com a coerência temporal. O mito não tem compromisso com o tempo, tal como nós o concebemos hoje, herança da Renascença, ou seja, o tempo para o mito é outro. O mito desdenha a sequência natural dos acontecimentos e Eros, por exemplo, nasceu antes de sua mãe Afrodite.

Para solucionar esse aparente impasse (criado pela subalternidade à racionalidade cartesiana), o racionalismo de quem faz a história interna ao mito estabelece uma terminologia esdrúxula, como por exemplo, Héacles I, Héacles II e assim por diante (PARADA, 2004). Alheio a esse racionalismo, o mito coloca em luta corporal Héacles e o rei Busiris do Egito, apesar de o herói grego ter nascido várias gerações depois do malvado rei. Ao tornar o tempo mítico homogêneo ao nosso, dá-se um duro golpe no que o mito tem de mais precioso: a liberdade. A poesia (Homero, Hesíodo), um dos suportes do simbolismo, fluindo alheia às amarras da coerência, está livre para nos transmitir o que é importante.

Na dinâmica interna ao mito, a trama do tempo é construída pela liberdade. As genealogias, que procuram chegar até a causa primeira e conhecer as origens (Hesíodo), se propõem a estabelecer uma identidade cultural. O que está implícito às genealogias míticas é a convicção de que, quando se conhecem a origem (primeiro nasceu Caos) e a história de sua evolução (que alcança seu paroxismo com Zeus), aquela cultura encontra-se consigo mesma e se consolida. Naquela sociedade, e também na mitologia em geral, a busca das origens é uma necessidade de afirmar a identidade cultural e não uma metodologia de busca da verdade histórica.

Os mitos nascem, crescem, transformam-se, vicejam e eventualmente morrem, quando são esquecidos. O mito vivo, à medida que vai sendo contado e recontado, vai se modificando. A diversidade dos mitos pode ser compreendida pela diversidade histórica e geográfica e também pela própria dinâmica da cultura que está sempre em evolução. São várias as versões dos mitos, porque a cultura regional constrói sua versão, cada época tem a sua e cada poeta também adota uma. Há mitos e versões dos mitos em toda parte e em todo tempo. O mito é uma história em constante evolução. O mito é fiel à sua função e não à sua forma.

O mito é auto-subsistente: o que dá garantia de que um acontecimento ou um personagem (deus ou herói) narrado pelo mito é verdadeiro é a crença de que ele é verdadeiro. Para a formação da crença, alguma origem

histórica, mais ou menos semelhante ao mito, deve ter tido algum nível de participação, mas isso não é decisivo. Estabelecida a crença em um acontecimento ou personagem, incorpora-se a história de sua gênese como forma de justificativa. A justificativa faz parte da racionalidade do mito: se um mito tem uma justificativa, ele é real, estando pois justificada a sua verdade. O método cartesiano foi pensado para validar a verdade científica. A verdade do mito é inerente a ele, o mito não precisa de um método para validar sua verdade.

Mito não é fantasia, não é alegoria. Mito é expressão narrativa do simbolismo de uma cultura. É por isso que o simbolismo pode ser interpretado por meio da compreensão do mito. Mito é uma interpretação da realidade objetiva e, como tal, mito é a verdade. O mito explica sem compreender as relações causais que fazem parte da realidade, sem compreender o fenômeno na sua imediatidade. Entre o fenômeno e o ser humano, o mito coloca os deuses. O mito explica simbolicamente, sem aceitar que a causa do fenômeno situa-se no mesmo campo epistemológico em que houve a ocorrência do fenômeno (a causa de um fenômeno natural está na natureza). Para o mito, o ser humano ou o que ele faz pode ser a causa de um fenômeno natural. Em vez de considerar o fenômeno em si, o ser humano pode optar por uma interpretação simbólica, por intermédio do mito. Ao longo da História, o homem primeiro explicou os fenômenos, utilizando os deuses para isso, e só depois veio a compreender o fenômeno no seu contexto natural e social.

Mito é uma narração livre referente a um fenômeno natural ou social, a um comportamento humano ou a um fato histórico em que o compromisso com a realidade depende dos valores da sociedade. A lógica do mito tem como referência o que é importante do ponto de vista cultural, deixando de lado portanto a lógica da realidade objetiva.

Nos mitos da Antiguidade Clássica, em que a contiguidade não tem significado, o herói pode passar de uma cidade à outra às vezes bem longe, sem maiores considerações de distância, locomoção ou trajeto percorrido. Em consequência do prestígio da cidade de Atenas no mundo helênico, essa cidade passou a fazer parte do itinerário dos heróis, o que não acontecia nas versões mais antigas dos mitos, quando Atenas ainda não tinha a importância que passou a ter.

Mito é verdade. É uma forma de compreender a realidade objetiva e, como tal, verdade. Diferentemente do significado que se dá hoje à palavra, que vem a ser uma história fantástica e mesmo fantasiosa, na época de Sócrates, Platão e Aristóteles, e mesmo antes, com mais forte razão, a população não duvidava que aqueles mitos tratavam de realidades. Essa

ideia estava tão enraizada na cultura que Platão tinha uma audiência muito restrita para ouvir suas críticas ao comportamento de Zeus, suas críticas à natureza divina de Zeus e a vários outros mitos. Como pode um deus sofrer transformações? perguntava o filósofo. Como pode um deus distribuir infelicidades, se isso o tiraria da condição de ser bom? Como pode um deus ter tantos defeitos e insuficiências, se um deus é perfeito? O grande filósofo sensibilizou alguns importantes intelectuais e garantiu uma inflexão à história das ideias, cujas consequências estão bem presentes até hoje: como fazer filosofia no século XXI sem se referir ao mestre? Mas a sociedade da época não ouvia Platão.

O intuito da argumentação desenvolvida nos parágrafos precedentes é resgatar o mito como uma maneira de pensar que a humanidade adotou durante muito tempo, muito mais do que a filosofia e a ciência. Platão e Descartes são recentes na história da humanidade. O ser humano é um ser simbólico. É o simbolismo que dá significado ao outro, às coisas e à vida. O simbolismo é a linguagem de comunicação com o outro, com a sociedade e com o sagrado. O mito é suporte social dessa linguagem, tal como também o são a arte e o rito.

Os símbolos são inevitavelmente uma importante parte da realidade. Cada mito tem um horizonte estabelecido pelo limite de sua sobrevivência cultural. O simbolismo, entretanto, é insuperável no seu potencial de interpretar livremente a realidade natural, social e individual.

MYTH AND SYMBOLISM

Abstract: the myth is beautiful and its sacred content interfaces with philosophy, history and literature. As a cultural construct, the myth has no author. He has independence from the social reality, but is linked to it. Myth, art and ritual support symbolic communication. Myth has its own rationality, based on logic of importance. For a long time, humanity has taken the myth as a way of thinking. Myth is an interpretation of objective reality and as such, myth is the truth.

Keywords: Myth. Symbolism. Logic of significance. Truth.

Nota

- 1 Este artigo é inspirado no capítulo 1, Simbolismo e Racionalismo, de *Zeus e a Filosofia*, a ser encaminhado brevemente para a Editora da PUC Goiás.

Referências

- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Vol. I. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Vol. III. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BRANDÃO, J. de S. *Teatro grego: tragédia e comédia*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CABRAL, L.A.M. *O hino homérico a Apolo*. Introdução, tradução, comentários e notas de Luiz Alberto Machado Cabral. Cotia (SP): Ateliê Editorial; Campinas: editora da UNICAMP, 2004.
- CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma introdução à fenomenologia da religião*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- DA SILVA, J.C. Avelino. *A deusa Mãe minóica*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007a.
- DA SILVA, J.C. Avelino. Destino e Identidade na Sociedade Grega Antiga: aspectos religiosos da colonização grega na Sicília. In: REIMER, Ivoni Richter; MATOS, Keila (Org). *Mitologia e Literatura Sagrada*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009a.
- DA SILVA, J.C. Avelino. *O Sagrado e a Individualidade*. Goiânia: Ed. da UCG, 2009b.
- DA SILVA, J.C. Avelino. The instrument and nature. In: BOUDOURIS, K. (Ed.), *The Philosophy of Culture*, vol. I. Atenas: IoniaPublications, 2006c.
- DA SILVA, J.C. Avelino. Values and the decoration of the palace of Knossos. In: BOUDOURIS, K. (Ed.), *Values and justice in the global era*, vol. II. Atenas: IoniaPublications, 2007c.
- DA SILVA, J.C. Avelino. *Viagem à Grécia Antiga*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009c.
- DIEL, Paul. *O simbolismo na mitologia grega*. Prefácio de Gaston Bachelar. São Paulo: Attar Editorial, 1991.
- DURANDO, Furio. *La GrèceAntique*. Paris: Librairie Gründ, 1997.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Traduzido do original inglês *Mythand Reality*. 5. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva SA, 1998.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Parte I. 2. ed. Tradução para o português de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. 4ª ed. Estudo e tradução: JaaTorrano. São Paulo: Iluminuras, 2001.

HOMERO. *A Iliada*. Tradução de Haroldo de Campos. 2. ed. São Paulo: Mandarim, 2002.

JUNG, C.G. *L'Homme et ses symboles*. Collaborateurs: M.-L. von Franz, Joseph L. Henderson, Jolande Jacobi, AniélaJaffé. Título original Man and his Symbols. Paris: Robert Laffont, 1990.

RACHET, Guy. *Dictionnaire de la civilisation grecque*. Paris: Larousse, 1992.

REIMER, Haroldo. Mitologia e Bíblia. In: REIMER, Ivoni Richter; MATOS, Keila (Org). *Mitologia e Literatura Sagrada*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009.

VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Tradução do original francês: Les origines de lapenséegrecque. 2ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1977.